

# Caê Mancini sintetiza ritmos nordestinos com pegada de funk, carimbó e candomblé

Cantor e compositor lança o CD 'Folguedo caldeado'; em entrevista ao site, diz que 'a intenção era pegar as danças, o chão, o sabor, jogar tudo numa panela e mexer com a colher de pau'

Jorge Barboza

Com um trabalho musical consistente e amadurecido, fruto de pesquisa e vivência esperta, o cantor, compositor e instrumentista Caê Mancini lança este mês o EP "Folguedo caldeado". Uma joia de música inventiva, rítmica, com letras inteligentes e sinceras, já disponibilizada na internet. Ele diz que não é artista nem músico (oras...), mas sim compositor. "Acho que seria meio prepotente da minha parte - gosto de falar que sou compositor ou alguém que tem ideias boas."

Fotos/ Henrique Oliveira/ Divulgação



Caê Mancini prepara 'a logística' para fazer o lançamento físico do disco em Maceió

Isso ele tem mesmo - ideias boas. Num projeto anterior, de 2014, os EPS "Lado A" e "Lado B", tocava todos os instrumentos. Nesse "Folguedo caldeado" é que faz somente os vocais. "Eu tinha gravado todos os instrumentos e arranjado tudo, e isso meio que me exauriu", afirma. Para além dos versos inteligentes, nesse novo EP há aquela sacação de suingue também presente nesse dois discos do ano passado. Mas aqui é mais ritmo ainda, algo que flui de cada uma das faixas. E observe: não é nada forçado em busca de uma brecha no mercado. Bem, o mercado provavelmente está aberto a essa obra prima rítmica, de letra amorosa e celebradora (à cultura, à música e à guitarrada, às comidinhas do Estado paraense), que é "Pato no Tucupi".

A despeito do esforço de pesquisa e da cozinha que resulta em letras divertidas cheias de trocadilhos e rimas sincopadas (o ritmo forte, refrãos acertados), a coisa toda sai espontânea verdadeira. O que é mais do que uma qualidade, deixando sobressair a independência do artista, que, sim, é um belo cantor.

Carioca de nascimento, com a experiência alagoana da infância e, na juventude, do curso de Meteorologia na Ufal, Mancini atualmente mora no interior de São Paulo. É um jovem músico, BLOGS ainda - 29 anos. Diz que buscou uma sonoridade nordestina para o disco. Sem dúvida, ele conseguiu. Conseguiu, também, trazer propostas sonoras que escapam à mesmice chorosa de boa parte dos ícones modernos da música que se perpetra no país.

A reportagem do **Alagoas Boreal** entrevistou Caê Mancini por e-mail. Acompanhe.

**Você morou aqui em Alagoas em que período - ou continua numa ponte aérea Rio-Maceió...?**

**CAÊ MANCINI** - Morei em Maceió dos dois aos nove anos, depois voltei para o Rio. Depois morei dos 15 aos 21, quando terminei o colégio e a faculdade de Meteorologia na Ufal. Depois voltei para fazer mestrado na UFRJ, e hoje em dia moro no interior de São Paulo, onde trabalho em um Instituto de

Pesquisas. Mas vou a Maceió todo ano, pelo menos uma vez. Tenho família tios, primos e muitos amigos.

**O time de músicos do EP, de primeira, é alagoano: Ykson Nascimento, Allyson Paz, Dinho Zampier no teclado e produção, Bruno Palagani... E você é muito bem preparado vocalmente.**

**MANCINI** - Olha, os músicos do disco foram realmente escolhidos a dedo, de acordo com a concepção artística e estética pré-definida entre eu e o Dinho. Queria que o disco soasse Nordeste, uma vez que já tinha doses homeopáticas da minha carioquise. Acredito que o som feito no Nordeste, no que diz respeito a balanço e simplicidade (que na realidade é o que há de mais complexo) tem um sabor único (risos). Obrigado pelo preparado vocalmente, na realidade eu não me auto intitulo cantor, nem artista, nem músico.



'Para mim, o intérprete é um contador de histórias, é através da interpretação que se dá o colorido da história, o andamento'

**Há um trabalho de intérprete - você se sai melhor do que todos da sua geração (risos).**

**MANCINI** - Eu sofro um pouco do mal do perfeccionismo, acho que interpretar o que se escreve talvez seja um pouco mais fácil. Eu escuto muita música e sempre fico muito atento à forma com que os artistas interpretam. Sou viciado no Gil, Jorge Ben, Jackson do Pandeiro, Luiz Gonzaga, Dominguinhos, Caetano, Chico César, Elis, Alceu. Para mim, o intérprete é um contador de histórias. E através da interpretação que se dá o colorido da história, o andamento - aprendi muita coisa simplesmente escutando. Eu me preparei bastante para gravar as vozes do EP, cheguei a regravar as vozes umas três vezes até chegar no ponto que queria. Nesse caminho, tive o auxílio de Thamy Quintanilha, cantora lírica, e minha professora de canto que me preparou com aquecimentos e impostação de voz música a música.

**A canção do "Pato no Tucupi" é genial, deliciosamente paraense. E entra numa onda Figueroas...**

**MANCINI** - Obrigado, entra total na onda do Figueroas, que eu acho muito massa inclusive! Eu sou absolutamente fã da música paraense, ouço muita guitarrada, Aldo Sena, Verequete e Seu Conjunto Uirapuru, Metaleiras da Amazônia. Poderia passar horas falando dos artistas e músicas paraenses que eu gosto. Tenho muitos amigos de lá e adoro a culinária exótica. Musicalmente toda essa criatividade do carimbó, somada a proximidade com a música caribenha, mento, calipso, cumbia, gera uma sonoridade única e cheia de cores. Duvido alguém ficar parado em uma festa no Pará!

**"Não vem de vez" é funk...? Tiração de sarro, palavras (verbos) como "mangar", e o funk, o afro beat rolando. Afro beat alagoano...**



**MANCINI** - Eu gosto muito de funk americano, James Brown, JB <sup>x</sup>s, The Meters, e os grandes pianistas de New Orleans que inclusive estudo bastante. A onda do funk/soul geralmente é essa. O importante é sempre o movimento, o dançar, a letra é sempre uma brincadeira, as músicas do James Brown falavam de negritude, claro, mas também falavam de se mexer, movimentar, quebrar as cadeiras... (risos) Ele cobrava de seus instrumentistas que todos eles fossem a bateria, e não o sax, ou a guitarra, ou o baixo. Todos eram percussão, inclusive ele mesmo com a interpretação das palavras. "Não vem de vez" tem um pouco disso, apesar de ter uma letra que tem uma certa história, mas eu também tentei aproveitar essa percussividade das palavras que o português naturalmente nos oferece. As consoantes da língua portuguesa são muito propícias à acentuação e muitas vezes mudar a entonação das palavras com uma certa licença poética também pode contribuir para que haja essa quebra no ritmo, que se chama de síncope, que na realidade é o que faz a gente querer dançar. E para não americanizar tanto a música, tive a ideia de misturar com o ijexá, que é um ritmo do candomblé/umbanda, que dá o tom do refrão. Mas a intenção geral dela realmente é brincar, arengar né? Num mangue de mim não... E essa coisa comum e engraçada que se tem nos relacionamentos de um arengar com o outro.

**E nem tão fluminense assim...**

**MANCINI** - Com certeza não! Se eu vejo um cuscuz e uma tapioca em cima da mesa então, aí viro logo caba da peste de vez! Tenho muito orgulho de ter tido esse contato tão forte com o Nordeste. Meu pai é de Catolé do Rocha, interior da Paraíba, e tenho família em Fortaleza e João Pessoa, além de Maceió. O nordestino é antes de querer ser e talvez eu não seria metade do que sou hoje se não tivesse tido tanto desse amor.

**O título do EP, "Folguedo caldeado", o que quer dizer? O folguedo, okay, o caldeado é o beat?**

**MANCINI** - Na realidade eu me apropriei do termo folguedo, porque o disco em si tem o folguedo em sua essência, mas apresentado de uma forma repaginada em dialogo com o mundo. Seria a cultura brasileira, de ritmos, vivência, danças. O caldeado é o caldo. A intenção era pegar essa vivência, as danças, o chão, o sabor, jogar tudo numa panela e mexer com a colher de pau. Daí vem o caldeado, uma mistura, o caldo dos folguedos, caldo do Brasil da forma que eu vejo, sinto, vivo em diálogo com o resto do mundo. O Bob Marley agonzagado, rock and roll amaracatuado.

**Quando vai ser o show? Vai ter um lançamento físico do disco...?**

**MANCINI** - Eu estou me preparando para fazer um show de lançamento em Maceió, estou criando a logística com os músicos e com as minhas folgas do trabalho. A princípio deverá ser no primeiro semestre de 2016. O disco físico está em processo de desenvolvimento, sabe como é, produção independente (risos).